

SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR EDUCADORAS INFANTIS À SUA PRÁTICA PROFISSIONAL (UMEIs DE BELO HORIZONTE - 2007/2008)

MATOS, Genícia Martins de* – PMBH

GT-07: Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Esse texto refere-se a uma pesquisa que está sendo realizada em duas UMEIs (Unidades Municipais de Educação Infantil) da rede municipal de ensino de Belo Horizonte.

Delimitação do problema e objeto da pesquisa

A rede municipal de ensino de Belo Horizonte atendeu ao longo de sua história a um número reduzido de crianças. Iniciou o ano de 2000 com apenas 13 escolas (da sua rede própria) para o atendimento à educação infantil e necessitava ampliar seu atendimento por exigência da LDBEN/96 e devido a uma grande demanda de vagas existentes para esse segmento do sistema educacional nessa cidade. Diante desse quadro, o município necessitou criar diretrizes e estratégias para expandir o número de vagas para esse público.

Neste contexto, o ano de 2003 representou uma nova fase na história do atendimento à educação infantil no município de Belo Horizonte. Essa foi marcada, dentre outros acontecimentos, pela criação do cargo de Educador Infantil¹, uma nova categoria profissional que se destina a atuar com crianças de 0 a 6 anos. E também pelo início da criação das UMEIs que inauguraram o atendimento para crianças de 0 a 3 anos² em horário integral nessa rede, a partir de 2004.

Esse novo momento histórico trouxe, dentre outras, discussões relativas à função de educadora infantil³. Tais discussões, ao serem apresentadas pelas educadoras, apontam,

* Mestranda em educação pelo programada de Pós-Graduação da FaE/UFMG.

¹ Esse profissional possui salário e plano de carreira diferenciado dos professores dessa rede de ensino e a exigência de formação é nível médio - Modalidade Normal

² - Até o ano de 2004 o atendimento à Educação Infantil nesse município abrangia apenas a faixa etária de 3 a 6 anos, era oferecido nas 13 escolas de educação infantil, em salas pertencentes a escolas de Ensino Fundamental dessa rede, como anexo. E através do convênio com creches privadas e comunitárias

³ - A opção pela denominação dessa função no feminino justifica-se pela predominância de mulheres nessa ocupação e por ser a discussão do gênero feminino e educação importante nessa pesquisa.

a nosso ver, para questões que se relacionam à sua identidade profissional: são ou não professoras? Qual é a função da profissional de Educação Infantil? Qual a especificidade do trabalho de educadora infantil? Que perfil deve ter essa profissional?

Entendemos que em se tratando da educação infantil, “a identidade profissional é um tema amplo, nem sempre fácil de analisar, onde ainda há muito a ser explorado” (KRAMER 2005,p.38), e esse fato encontra respaldo numa aparente indefinição do que seja a função de professora ou educadora infantil entre as profissionais que atuam nessa etapa da educação básica.

Partindo de questionamentos de educadoras infantis da rede municipal de ensino de Belo Horizonte sobre sua função profissional, surgiu o desejo de caracterizar e analisar sentidos que elas têm construído no exercício dessa ocupação. E para atingir esses objetivos considera-se essencial: observar o dia-a-dia dessas mulheres na sua rotina de trabalho para identificar estratégias que essas criam e mobilizam na execução de seus fazeres, as fontes de conhecimentos em que buscam fundamentos para realizar sua ocupação e suas auto-imagens enquanto mulheres e educadoras.

Buscar os *sentidos construídos* por essas profissionais, em nosso entendimento, pressupõe e requer que se dê espaço para ouvir as vozes das educadoras, “vozes nascidas da prática cotidiana feita de contradições e recusa, de esperança e resistência, de busca” (KRAMER, 1994, p.10). É preciso, como afirma Arroyo (2000, p.9), dar voz ao professor e querer ouvi-lo, no sentido que: “Falemos entre nós e troquemos tantas histórias que temos para trocar (...) precisamos repor os mestres no lugar de destaque que lhes cabe”.

Referenciais teóricos que orientam a pesquisa

Nessa pesquisa adotamos a perspectiva de *compreensão dos sentidos* buscada na Sociologia Compreensiva proposta por Weber (1964, p. 9-12), que entende que ‘explicar’ “significa ocupar-se do sentido de uma ação, e a compreensão equivale à captação interpretativa do sentido ou conexão de sentido.”

Para Weber o indivíduo e suas ações são o cerne da investigação social e o ponto de partida para a Sociologia - que objetiva a compreensão e a percepção do sentido que a pessoa atribui à sua conduta.

Segundo Conh (1982, p. 27), o conceito de sentido desenvolvido por Weber “é aquele sentido subjetivamente visado pelos sujeitos enquanto agentes de uma ação concreta” Porém, o conceito de sentido como algo subjetivamente visado não exclui o caráter social de sua construção, pois “os sujeitos encontram-se em sistemas sociais no interior dos quais as suas ações são regulamentadas por um sistema de normas comuns que torna possível aos diversos autores reconhecerem-no como válido”. (LADRIÈRE apud SILVA, 1999, p.16).

Para nós, tentar compreender os sentidos atribuídos por essas profissionais da Educação Infantil à sua prática nos remete a reflexão sobre a imbricação do eu pessoal e profissional no exercício da docência. Pois, concordamos com o que nos diz Nóvoa (1992, p.17)

(...) as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, cruza a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvenda na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal .”

Consideramos que na atuação profissional a educadora reflete seus valores pessoais. E esses se manifestam na forma de lidar com as crianças em seus aspectos corporais e afetivos, deixando transparecer sua concepção de criança e denotando auto-imagens que têm sobre si, enquanto mulher e profissional da educação infantil. E essas auto-imagens se referenciam, se entrecruzam e refletem imagens socialmente construídas sobre a função de ser educadora infantil. Pois como nos diz Arroyo (2002, p.30) “ser professora ou professor é carregar uma imagem socialmente construída. Carregar o outro que resultou de nós”.

Histórica e socialmente foi atribuída às mulheres uma capacidade nata para cuidar e educar crianças, assim, as imagens associadas à ocupação de educadora infantil guardam traços de ambigüidade entre a função materna e o trabalho docente, tanto pelo tipo de atividade que a constitui quanto pela responsável por realizá-la, oscilando entre o domínio doméstico da educação (casa - mãe) e o domínio público da educação formal (escola - professora). Esses referenciais delimitam o lugar dessa profissão na sociedade,

influenciando a identidade profissional daquelas/es que a ocupam, segundo Cerisara (1996).

Objetivos

Caracterizar e analisar sentidos que educadoras infantis de UMEIs de Belo Horizonte atribuem à sua prática profissional

Objetivos específicos

- Caracterizar as participantes dessa pesquisa, considerando seu contexto sócio-econômico e cultural ;
- Identificar auto-imagens construídas por educadoras sobre ser mulher e educar crianças pequenas em instituições públicas de educação infantil;
- Identificar aspectos que as educadoras valorizam na sua prática cotidiana junto às crianças;
- Identificar estratégias e saberes que educadoras criam e mobilizam na realização de seu trabalho;
- Identificar referências utilizadas pelas educadoras para definir e sustentar sua prática profissional.

Metodologia e estratégias de ação

Tendo em vista a natureza da questão a ser investigada nesta pesquisa: *Sentidos atribuídos*, a opção é por uma abordagem qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.55), “a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

Entende-se como essencial a presença constante do pesquisador no campo e a observação direta das atividades das participantes da pesquisa no local de sua ocorrência. Para nós

(...) a observação pressupõe o envolvimento do pesquisador em múltiplas ações, entre elas, o registrar, narrar e situar acontecimentos

do cotidiano com uma intenção precípua. E envolve a formulação de hipóteses ou questões, o planejamento, a análise, a descoberta de diferentes formas de interlocução com os sujeitos ativos da realidade investigada e, certamente, a análise do próprio modo segundo o qual o pesquisador olha seu objeto de estudo. (TURA, 2003, p.187-188).

Partindo dessa concepção, o diário de campo se constitui como auxiliar básico e indispensável que nos permite relembrar e confrontar as observações realizadas.

Está previsto nessa pesquisa o uso de entrevistas individuais (abertas) com as educadoras que são referências das turmas já citadas e a utilização da estratégia de grupos de foco⁴ com outras educadoras dessas UMEIs, tendo em vista alcançar os objetivos propostos nessa investigação.

O início da pesquisa

A pesquisa de campo se iniciou esse ano, e esta sendo desenvolvida em duas Unidades Municipais de Educação Infantil com três educadoras que atuam em uma turma de crianças entre 1 a 3 anos⁵ e uma que atua na faixa etária de 3 a 4 anos. Essas duas instituições se tornaram participantes da pesquisa após o projeto ter sido apresentado, discutido e aceito pelas educadoras, num processo que se iniciou no final do ano de 2007.

Além das observações semanais nas turmas já referidas, temos realizado conversas e observações com outras educadoras (individualmente e em pequenos coletivos) nos dois turnos de funcionamento das instituições.

A receptividade do coletivo de educadoras e das diretoras dessas UMEIs e a disposição em colaborar com essa pesquisa, possibilitam momentos ricos de observações e participação em vários momentos da rotina dessas profissionais, trazendo novos elementos e perspectivas para a realização da pesquisa.

⁴ - Utilizamos a terminologia e algumas fundamentações baseadas em Uwe Flick (2004).

⁵ Na rede municipal de ensino de Belo Horizonte o número de professoras e /ou educadoras é calculado obedecendo à proporção 1.5 para cada turma. As turmas com crianças até dois anos têm uma profissional a mais, além do 1.5.

Referências

- ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ARCE, A. *A jardineira, tia e professorinha: a realidade dos mitos*. Campo Grande, 1997. Dissertação de Mestrado. UFMS.
- BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994. p.55 -136.
- CERISARA, Ana Beatriz. *A Construção da Identidade das Profissionais de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional*. 1996.184f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- COHN, Gabriel. (Introdução sobre Max Weber). In: WEBER, Max. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982. p.26-27 (coletânea organizada por Gabriel Cohn).
- FLICKE, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. (Trad.) Sandra Netz.. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004, p.124 - 136.
- KRAMER, Sônia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 1994.p.10.
- KRAMER, Sônia (org.).*Profissionais de educação infantil, gestão e formação*. São Paulo. Editora Ática. 2005 .
- LADRIÈRE, Jean. *La philosophie sociale.La philosophie contemporaine*, Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1971. p.250-266.
- NÓVOA, Antônio (org.). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1992.
- SILVA, Isabel de O. *Identidade profissional e escolarização de educadoras de creche comunitária: histórias de vida e produções de sentidos*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação da UFMG, 1999.
- TURA, Maria de Lourdes Rangel. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, Nadir, CARVALHO, Marília Pinto, TEIXEIRA, Rita Amélia (orgs.). *Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro. DP&A, 2003. p. 187-189.
- WEBER, Max. *Economia y Sociedad: Esbozo de sociologia comprensiva*, Max. *Sociologia*. México-Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 1964. Vol I, p.05- 45.